

EFICIÊNCIA DE DIFERENTES TIPOS DE ISCAS NO MONITORAMENTO DA BROCA DA BANANEIRA (*Cosmopolites sordidus*) NA REGIÃO DE QUIRINÓPOLIS – GO

Andrea Ribeiro Domingues¹; Sebastião Pedro da Silva Neto²

¹Mestranda em Fitotecnia da Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’, Departamento Produção Vegetal, Universidade de São Paulo, Av. Pádua Dias, 11, Caixa Postal 9, 13418-900 Piracicaba (SP) Brasil. Email: andrearibeiro@usp.br. ²Pesquisador da Embrapa Cerrados, Rodovia BR 020 km 18, zona rural, Planaltina (DF) Brasil. Email: sebastião.pedro@cpac.embrapa.br.

Introdução

Os problemas fitossanitários contribuem, em grande parte, para os baixos níveis de produtividade de banana no Brasil (Aves *et al.*, 1997). Das pragas com maior frequência e que tem exigido dos bananicultores a adoção de medidas efetivas para controlá-las, a broca da bananeira (*Cosmopolites sordidus*) é a mais severa. Atinge praticamente todas as regiões em que se cultiva a banana, e pode ser responsável por quedas de safras de até 80%, em função da redução da colheita e da qualidade do produto (Cordeiro *et al.*, 2000). O grande prejuízo causado por essa praga ocorre no seu período larval, quando ao se alimentar, abre galerias no interior do rizoma, diminuindo ou eliminando o seu sistema radicular, comprometendo-o seriamente, e assim limitando a estabilidade e a produção da planta (Manica, 1998).

O monitoramento periódico das populações da broca da bananeira, mediante de utilizações de iscas atrativas, permite o conhecimento do nível de infestação, e a indicação do controle de uma forma segura, evitando assim, a aplicação excessiva de defensivos e tornando, conseqüentemente, o controle mais racional (Cordeiro *et al.*, 2000).

Existem dois tipos de iscas mais indicadas na literatura e difundidas pelos produtores, a isca tipo “telha” e a tipo “queijo”, que se diferem quanto ao formato e a parte do pseudocaule. Ambas as iscas tem um período de atratividade de 14 dias, mas níveis de eficiência diferentes. Podem ser utilizadas também para o controle da praga, combinadas com inseticida (Gallo *et al.*, 2002).

Esse trabalho teve como objetivo testar a eficiência dos dois tipos de iscas mais recomendadas e utilizadas pelos produtores, em condições de lavoura, em escala comercial, na região do Sudoeste Goiano.

Material e Métodos

O experimento foi conduzido na Fazenda Rodeio no município de Quirinópolis – GO, área de cultivo comercial de banana Nanicão, irrigada por microaspersão, conduzida em fileiras duplas, com área total de 14 ha, totalizando 26.000 famílias. O estudo foi conduzido no período de 30 de junho a 1 de agosto de 2008. O delineamento utilizado foi o inteiramente casualizado e a parcela experimental constituída por uma isca.

Para o teste de eficiência dos tipos de iscas, as mesmas foram confeccionadas a partir do próprio pseudocaule da bananeira, sem a utilização de qualquer produto de atratividade para o inseto. Utilizaram-se os dois tipos de iscas mais comuns, a isca tipo “telha” e a isca tipo “queijo”, sendo que a primeira consiste num pedaço de pseudocaule de 50 a 60 cm de comprimento, cortada ao meio, no sentido longitudinal. Foram colocadas na touceira, próxima à base da planta, com a face cortada voltada para o solo. A isca tipo “queijo” foi preparada cortando-se o pseudocaule a, aproximadamente, 30 cm do nível do solo, efetuando-se um novo corte (parcial ou total) à metade dessa altura. Os insetos que foram atraídos alojaram-se entre as duas fatias obtidas. As iscas foram distribuídas igualmente por toda área do bananal, seguindo os seguintes requisitos: em cada fileira dupla colocou-se 4 armadilhas, 2 tipo “queijo” e 2 tipo “telha”, intercaladas ao longo de cada fileira de 50 m de comprimento, de forma que as iscas ficaram distantes uma das outras em 12,5 m; as iscas foram dispostas no bananal uma fileira sim outra não, e assim sucessivamente; as armadilhas foram identificadas com números e o referente setor.

Foram distribuídas 311 iscas tipo “telha” e 311 iscas tipo “queijo”, no total de 622, sendo 44,42 iscas por hectare. As coletas dos insetos iniciaram-se sete dias após a distribuição das iscas. Foi realizada a contagem e anotação em cadernos de campo, separadamente para cada tipo de isca. As brocas capturadas foram colocadas em sacos plásticos e posteriormente destruídas.

Os dados foram processados em tabela do Microsoft Excel separadamente para cada tipo de isca, tendo como base a estatística descritiva calculou-se o número de insetos por isca para cada setor e área total.

Resultados e Discussão

No pomar estudado, o resultado do nível de infestação, baseado no número de insetos capturados, obtido separadamente nos dois tipos de iscas foi significativamente diferente tanto na área total quanto em cada setor, conforme mostrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Avaliação do número de *Cosmopolites sordidus* por tipo de isca (Fazenda Rodeio, Quirinópolis-GO, 2008).

	Área	Número de iscas tipo queijo	Número de iscas tipo telha	Número de insetos encontrados na isca tipo queijo	Número de insetos encontrados na isca tipo telha	Número de insetos/isca tipo queijo	Número de insetos/isca tipo telha
Setor 1	3,66 ha	109	109	443	204	4,06	1,87
Setor 2	3,71 ha	99	98	357	126	3,61	1,29
Setor 3	2,91 ha	43	44	143	55	3,33	1,25
Setor 4	3,78 ha	60	60	297	138	4,95	2,3
Área total	14 ha	311	311	1238	522	3,98	1,68

De acordo com os resultados obtidos, as iscas tipo “queijo” atraíram 1238 insetos, representando um nível de infestação de 3,98, enquanto a isca tipo “telha” atraiu 522 insetos e apresentou nível de infestação de 1,68 (Gráfico 1-A). A maior eficiência da isca tipo “queijo” foi observada em todos os setores (Gráfico 1-B) do bananal, indicando que esta tendência foi padrão no experimento.

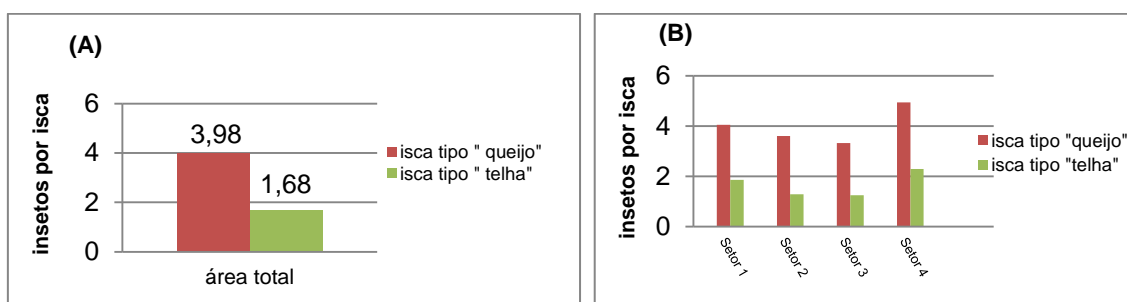


Gráfico 1 – Quantidade média de insetos capturados na área total (A) e por setor (B) em isca do tipo “queijo” e “telha”.

O maior número de insetos contabilizados nas iscas tipo “queijo” nas condições deste experimento pode indicar que este tipo de isca seja o mais indicado para os bananais irrigados por microaspersão, localizados na região Centro Oeste do Brasil, sob bioma Cerrado. A maior área de contato com o ar da isca tipo “telha” favorece a rápida desidratação da mesma, o que pode ter reduzido o tempo de atração da mesma aos insetos. Outra possível explicação pode ser pelo fato do corte na isca tipo “telha” ocorrer no sentido transversal dos valos do pseudocaule, com isso permite que a seiva saia de forma mais abundante e conseqüentemente consiga atrair mais os insetos. Ao passo que na isca tipo “telha” a seiva fique contida dentro dos tecidos. Outro fator que deve ser considerado e que as condições de baixa umidade relativa do ar que prevalecem no bioma Cerrado durante os meses de maio a setembro tendem a acelerar o processo de ressecamento da isca tipo “telha” mais do que o da isca tipo “queijo” e com isso, reduzir a sua eficiência.

Conclusões

O trabalho permitiu concluir que, nas condições deste experimento, a atratividade da isca “queijo” foi superior à da isca tipo “telha”, indicando que este tipo de isca é mais indicado para o monitoramento do moleque da bananeira das lavouras de banana localizadas nas condições climáticas do bioma Cerrado, principalmente durante os meses mais secos e frios do ano. Os resultados indicaram que o monitoramento do *C. sordidus* com base em iscas, merece ser melhor avaliada, pois a eficiência e atratividade de cada tipo de isca mostrou-se variável entre si, podendo interferir na tomada de decisão de controle.

Agradecimentos

Agradeço Túlio de Castro Merola (proprietário Fazenda Rodeio) pela oportunidade de conduzir o projeto, em sua área de produção comercial e o apoio da Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária de Ipameri.

Referências

- Alves, E.J.; Borges, A.L.; Cordeiro, Z.J.M.; Cintra, F.L.D.; Dantas, J.L.J.; Fancielli, M.; Silva, S.O. **Banana para exportação**: aspectos técnicos da produção, 2 ed. Brasília: Embrapa Comunicação para transferência de tecnologia, 1997. 106p.
- Borges, A.L.; Souza, L.S.; Trindade, A.V.; Teixeira, a.h.c. **O cultivo da bananeira**, 1.ed. Cruz das Almas: Embrapa Mandioca e Fruticultura, 2004. 279p.
- Cordeiro, M.J.Z.; Borges, A.L.; Mesquita, A.L.M.; Matos, A.P. **Banana fitossanidade**, 1 ed. Brasília: Embrapa Comunicação Transferência e Tecnologia, 2000. 121p.
- Gallo, D.; Nakano, O.; Silveira Neto, S.; Carvalho, R.P.L. **Entomologia agrícola**. São Paulo: Agronômica ceres, v. 10, 2002. 920p.
- Manica, I **Bananas: do plantio ao amadurecimento**, Porto Alegre: cinco continentes, 1998. 99p.
- Mesquita, A.L.M.; Sobrinho, R.B.; Norões, N.P.; Costa, J.A.G. **Efeito da frequência de coleta de adultos de broca do rizoma da bananeira, em isca tipo ‘queijo’, sobre os números de insetos coletados**. Fortaleza, comunicado técnico 111 – Embrapa, p. 5, 2005.